

apadrinhados pelo próprio Sebastião José de Carvalho e Melo e por sua mulher, Eleanora Ernestina von Daun; pelos irmãos de Pombal, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, Paulo de Carvalho e Mendonça e Maria Madalena de Mendonça; por dois dos seus filhos, Henrique José de Carvalho e Melo e Maria Francisca Xavier de Daun, pela nora Maria Antónia de Menezes, e pelo genro João de Saldanha de Oliveira e Sousa, morgado de Oliveira.

Os estuques decorativos ainda hoje presentes no palácio de Oeiras, da família Pombal, e nos palácios de dois genros do marquês – do conde de São Paio, em Sesimbra, e do morgado de Oliveira, na Anunciada, em Lisboa –, realizados nas décadas de 1760 e 1770, representam o que de mais atual e erudito se executava na decoração das moradas da nobreza de outros estados europeus, onde alguns dos colaboradores de Grossi tinham trabalhado antes de virem para Portugal.

Nota biográfica: Doutorada em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Docente da Escola Superior de Artes Decorativas da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva e diretora da mesma instituição, foi a investigadora responsável pelo projeto "A Casa Senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro (sécs. XVII, XVIII e XIX). Anatomia dos Interiores", no Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Entre os seus temas de investigação contam-se as artes decorativas portuguesas e as relações artísticas Portugal / Brasil / Itália no séc. XVIII. Tem diversas obras e estudos publicados sobre estas temáticas.

15h50 – A casa nobre lisboeta entre o século XVII e meados do século XIX

Nuno Gonçalo Monteiro (Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa)

16h10 – Da arquitectura neoclássica às multi-narrativas pictóricas do palacete dos Marqueses de Pombal às Janelas Verdes

Sofia Braga e Margarida Elias (IHA, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa)

A presente comunicação centra-se num dos mais emblemáticos palacetes de Lisboa, o Palacete dos Marqueses de Pombal às Janelas Verdes, cuja origem e evolução não foram ainda objecto de escrutínio pela história da arquitectura palaciana lisboeta. Ao certo, e à luz de documentação recentemente descoberta, o palacete encontrava-se já concluído em 1799, tendo o seu proprietário José António Pereira, negociante da “Praça desta capital”, adquirido nesta data uns terrenos adjacentes ao palacete para enobrecimento do “perspecto da rua”.

É de anotar que as diversas linguagens arquitectónicas que aqui se expressam, nomeadamente a sua cobertura amansardada ou o frontão triangular da fachada principal, são reveladoras das diversas fases construtivas pelas quais passou, desde a sua fundação na segunda metade do século XVIII (num momento pós-terramoto), até

ao processo final que culminou na sua transformação em um palacete de cariz neoclássico, sob a tutela do negociante José António Pereira.

A par das emanções estéticas, em estreita consonância com o contexto histórico e artístico que as moldou, o Palacete dos Marquês de Pombal apresenta ao nível dos seus interiores profusos ciclos pictóricos, que acompanharam as suas transformações arquitectónicas. As linguagens plásticas que aqui se observam, desde os temas alegóricos, de influência clássica-arqueológica, às concepções paisagísticas à “maneira” de Jean Pillement, executadas provavelmente na primeira campanha de obras do palácio, encontram-se guindadas aos movimentos oscilatórios do gosto dos encomendadores e das próprias oficinas artísticas, responsáveis por colocar em prática os figurinos mais “à moda”.

Neste sentido, pretendemos analisar as distintas fases construtivas do Palacete dos Marquês de Pombal, e as suas narrativas pictóricas mais intimistas que, de certo modo, nos auxiliam no entendimento da evolução arquitectónica.

Palavras-chave: Palácio dos Marquês de Pombal, Neoclassicismo, pintura mural, alegoria, paisagismo.

Nota biográfica: Sofia Braga, Licenciada em História – Variante de História da Arte (Faculdade de Letras Lisboa, Universidade de Lisboa, 1998); mestre em Arte, Património e Teoria do Restauro (Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2012), e doutora em História da Arte (Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2021). A sua área de investigação centra-se no estudo da pintura mural dos espaços palacianos da cidade de Lisboa, das épocas Moderna Tardia e Contemporânea. Investigadora Colaboradora do Grupo Estudos de Lisboa do Instituto de História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa / IN2PAST – Laboratório Associado para a Investigação e Inovação em Património, Artes, Sustentabilidade e Território.

Margarida Elias, Licenciada em História – Variante de História da Arte (Universidade NOVA de Lisboa; 1993-1997); mestre em História da Arte Contemporânea (Universidade NOVA de Lisboa, 2002/04); doutora em História da Arte Contemporânea (Universidade NOVA de Lisboa, 2012). Investiga igualmente a História do Mobiliário (projeto Móveis Modernos (FA-UL, 2011-2014)). Exerceu funções de curadoria e coordenadora do catálogo *Animais na Cerâmica Caldense*, Coleção de João Maria Ferreira (Museu da Cerâmica, 2016). Dedicar-se igualmente a estudos de arquitetura palaciana e urbanismo. Desde 2021 é investigadora do projeto *Os Últimos Palácios de Lisboa (1834-1910)*; NOVA FCSH-FCT – 2020.02354.CEECIND). Actualmente, é membro integrado do Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa.